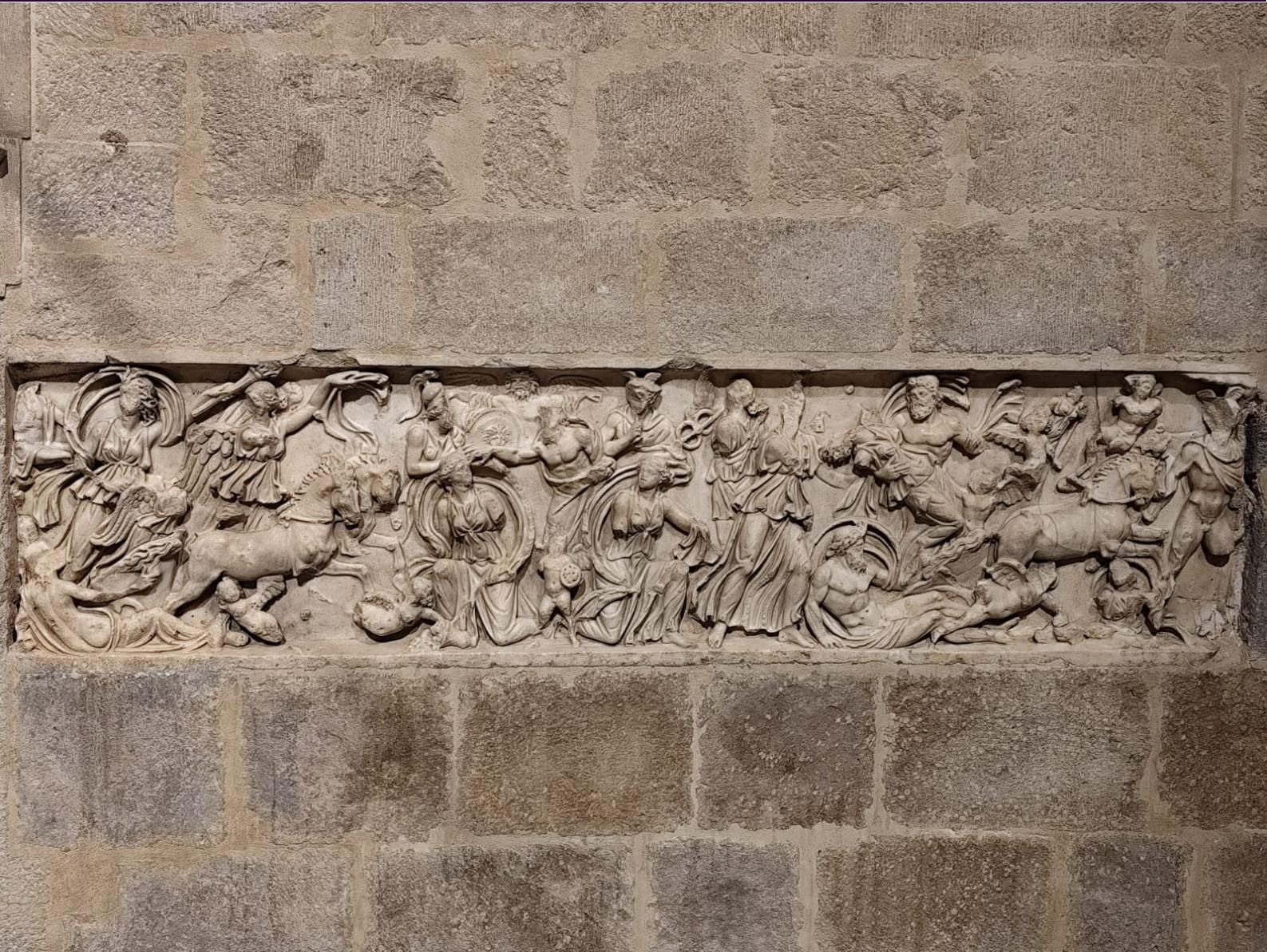


2024.1 . Ano xli . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 5



2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Separata 5

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araújo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carré (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Sarcófago. Estrigilado com orante masculino sobre o tema do rapto de Proserpina, séc. III (Basílica de Sant Feliu, Girona). Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORAÇÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 47
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk | Vinícius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.letras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

Considerações sobre a *dóxa* em Parmênides e as *fake news*, sob a perspectiva da psicologia das massas, de Freud

Eveline De Mello Souza Miranda | Ricardo de Souza Nogueira

RESUMO

O artigo em questão propõe apresentar uma análise da representação do conceito de *dóxa* (opinião) na filosofia de Parmênides - conforme apresentada em seu poema filosófico *Da natureza* (*Perì phýseos*) - em confronto com o significado das *fake news* no âmbito dos tempos modernos. A proposta de análise se fundamenta nas formulações de cultura e adventos sociais empreendidas por Sigmund Freud, em seu tratado “Psicologia das massas e análise do eu” (1921; 2011), e conta com o amparo das elucubrações apontadas por Néstor Cordero, em seu livro “Sendo, se é: a tese de Parmênides” (2004; 2011), além do seu artigo “*En Parménides, ‘tertium non datur’*” (2009), no qual ele se posiciona a favor da existência de apenas dois caminhos na filosofia parmenidiana: o do ser e o do não ser, o qual é exatamente o caminho das opiniões dos mortais.

PALAVRAS-CHAVE

Dóxa; *Fake news*; Parmênides; Freud; Psicologia das massas.

SUBMISSÃO 6.10.2024 | APROVAÇÃO 11.3.2025 | PUBLICAÇÃO 23.3.2025

DOI [10.17074/cpc.v1i47.65717](https://doi.org/10.17074/cpc.v1i47.65717)

E

ste artigo tem por objetivo articular o conceito de opinião (*dóxa*), no âmbito da filosofia de Parmênides, com as *fake news*, tanto no tocante ao advento do fenômeno quanto com relação ao significado que elas adquirem em meio às parcelas da sociedade em que se propagam. Para tanto, fez-se uso de uma proposta de análise amparada por contribuições da psicanálise que se debruçam na cultura e nos adventos sociais da maneira como fora formulada pelo pai da Psicanálise Sigmund Freud, em seu tratado “Psicologia das massas e análise do eu”. Nessa perspectiva, busca-se levantar questões que atravessam o tempo e estão presentes da antiguidade à contemporaneidade. Para o empreendimento dessa ponte, é necessário, em primeiro lugar, mergulhar no surgimento da filosofia antiga onde acontece a passagem do pensamento mítico para um tipo de pensar que busca as respostas sobre a realidade no próprio mundo observável, atitude intelectual essa conhecida comumente por pensamento filosófico-científico, e, em um segundo momento, focar em algumas questões concernentes à filosofia de Parmênides, mais precisamente no tocante à determinação do caminho referente à opinião dos mortais, em oposição ao caminho de investigação que afirma que o ser é.

A filosofia nasce com a travessia do mito (*mýthos*) em direção à razão (*lógos*). Assim, na Grécia Antiga, os pré-socráticos apontam para um pensar racional e não mais fincado em ideias míticas, que se debruçam no sobrenatural para explicar a realidade. O pensamento filosófico-científico, que floresce no séc. VI a.C., primeiramente na cidade de Mileto, com Tales, Anaximandro e Anaxímenes, torna-se um instrumento intelectual para buscar entender o mundo, a partir dele e não fora dele, baseando-se assim, a princípio, nas causas naturais, na natureza em desenvolvimento (*phýsis*), que se organiza em uma ordem específica (*kósmos*) por meio de um elemento primordial ordenador (*arché*). Dessa maneira, abre-se uma via na direção do conhecimento, da ciência, da verdade. Contudo, deve-se frisar que

o entendimento da verdade perpassa pela compreensão da inverdade, em uma dialética em que um conceito só existe em função do outro. Nessa constatação, este estudo se apoia, pois se pode dizer que, em contraposição à verdade, estão tanto as opiniões (*dóxai*, no plural) quanto as *fake news*.

Como um conceito caro e sempre discutido no embrião da filosofia, entende-se aqui a *dóxa* conforme preceitos apresentados na filosofia de Parmênides, em meio a um sistema filosófico que adquire especial complexidade e que permite um diálogo que vai ao encontro das *fake news*, que se configuram como fenômenos informativos sem nenhum compromisso com a investigação e a veracidade dos fatos. Parecem pertencer a contemporaneidade, mas em verdade acompanham a trajetória humana. Por esse prisma, pode-se pensar nas várias passagens em que aparece o caminho das opiniões na filosofia permenidiana como a representação de uma via do erro elaborada pelo pensador de Eleia, em seu poema filosófico *Da natureza* (*Perì phýseos*), pois esse caminho atravessa a natureza humana, comprometendo e obscurecendo o percurso no sentido da luz da sabedoria e da verdade.

Para dar conta da perspectiva pretendida, a proposta de análise se ampara no que demonstra Néstor Cordero em seu livro *Sendo, se é: a tese de Parmênides* (2011), e no seu artigo “*En Parménides, ‘tertium non datur’*” (2009).¹ Em tais textos, o estudioso defende que só existe a proposição de dois caminhos na filosofia parmenidiana, sendo o provável terceiro caminho, que seria o das opiniões dos mortais, gerado no cerne das discussões sobre o v. 3 do fragmento 6, o mesmo caminho negativo, o do não ser, que não deve ser seguido, mencionado nos fragmentos 1, 2, 7 e 8. Desse modo, a *dóxa* adquire uma complexidade e um interesse bem mais abrangentes para ser tratada no âmbito da filosofia parmenidiana, uma vez que seu significado paira sobre um bom número de fragmentos, não estando, assim, sua ideia só presente no fragmento 6.²

O argumento de Cordero, de base filológica, debruça-se sobre um problema presente no fragmento 6, que traria a

possibilidade de se pensar em um terceiro caminho na filosofia de Parmênides. Ele afirma que todos os manuscritos de *O comentário à Física de Aristóteles*, de autoria de Simplício, única fonte da passagem problemática tratada aqui, apresenta uma lacuna entre o termo *dizésios* (de investigação), do v. 3, e a conjunção *autár* (depois, em seguida), já no início do v. 4.³ Toda a problemática se deu por conta de um erro no preenchimento dessa lacuna, em um equívoco já transmitido pela tradição manuscrita⁴ e que foi reformulada por Diels, em sua monumental obra *Die Fragmente der Vorsokratiker*, em que organiza a totalidade dos fragmentos dos filósofos pré-socráticos.⁵ Diels, apesar de alterar a passagem, não modifica o verbo causador de toda a polêmica, mantendo uma ação ilógica. Esse erro se configura no fato da utilização do verbo *eírgo* (afastar), no v. 3 do fragmento 6, o que produziria uma afirmação estranha da parte de Parmênides ao dizer que é necessário afastar-se do caminho da verdade, já que o filósofo nesse momento está falando desse caminho e não do negativo. Para deixar mais clara essa questão e outras que se seguirão, apresenta-se, em seguida, o fragmento 6, em sua totalidade, com a correção de Cordero, que preenche a lacuna, substituindo o verbo *eírgo*, na primeira pessoa do singular do presente ativo, pelo verbo *árcho* (começar), na forma *árxei*, na segunda pessoa do singular do futuro médio:⁶

χρή τὸ λέγειν τὸ νοεῖν τ' ἔὸν ἔμμεναι· ἔστι γάρ εἶναι,
μηδὲν δ' οὐκ ἔστιν· τά γ' ἐνώ φράζεσθαι σύνωγα·
πρώτης γάρ τ' ἀφ' ὁδοῦ ταύτης διζήσιος <ἄρξει>⁷,
αὐτὰρ ἔπειτ' ἀπό τῆς, ἣν δὴ βροτοὶ εἰδότες οὐδὲν
πλάπτονται, δίκρανοι· ἀμυχανί γάρ ἐν αὐτῶν
στήθεσιν ιθύνει πλακτὸν νόον· οἱ δὲ φοροῦνται
κωφοὶ ὄμως τυφλοί τε, τεθηπότες, ἄκριτα φῦλα,
οἵς τὸ πέλειν τε καὶ οὐκ εἶναι ταύτὸν νενόμισται
κού ταύτον· πάντων δὲ παλιντροπός ἔστι κέλευθος.

É necessário dizer e pensar que sendo, se é; pois é possível ser, e o nada não é. Essas coisas te ordeno que proclames; pois < tu começarás > por esse primeiro caminho de investigação, e depois por aquele forjado pelos mortais que nada sabem, bicéfalos, pois a carência de recursos conduz em seus peitos ao intelecto errante. São levados cegos

e surdos, estupefatos, gente sem capacidade de juízo,
que considera que ser e não ser são o mesmo e não o mesmo;
o caminho de todos eles volta ao ponto de partida.⁸

Assim como ocorre com outros fragmentos importantes de Parmênides que falam do ser e do não ser, o fragmento 6 soa como palavras oriundas da deusa da verdade, o que é consolidado pelo fato de o prólogo do poema, que será também debatido mais à frente, apresentar o trajeto que leva o homem à presença dessa deusa. Pode-se dizer que a conjectura de Cordero coloca as coisas em seu devido lugar, organizando todo o fragmento 6. A proposta de um terceiro caminho partiria do princípio de que, ao rechaçar a possibilidade de o mortal seguir pelo primeiro caminho, que afirma que o ser é, que se oporia a um segundo caminho impossível, que afirma que o ser não é, restaria a ele um terceiro caminho: o das opiniões dos mortais. A correção de Cordero exclui toda a possibilidade de haver um caminho das opiniões além de um caminho do não ser, pois o helenista comprova filologicamente que ambos são o mesmo caminho, ou seja, o caminho equivocado que afirma que o não ser é se apresenta exatamente como caminho das opiniões dos mortais. Fica agora estabelecida a possibilidade de ver, em todas as citações ao caminho negativo nos fragmentos de Parmênides, a questão da *dóxa*, ou seja, a opinião dos mortais oposta à verdade propriamente dita. Contudo, ainda há algo instigante a ser dito sobre o conteúdo do fragmento 6 e que se mostra muito importante para o trabalho desenvolvido aqui.

A coordenação entre os v. 3 e 4, feita por meio da expressão “*αὐτὰρ ἔπειτ*” (*e depois*, na tradução de Cordero), faz com que a deusa recomende ao mortal também adentrar no caminho negativo da opinião dos mortais. Parmênides, assim, estaria sugerindo que os mortais também conhecessem, em um segundo momento, um caminho errôneo de investigação, aquele que diz que o não ser é? Isso não iria de encontro àquilo que o filósofo havia defendido até então? Talvez não, e a resposta para isso, de certa maneira, é o mote que inspirou a possibilidade de relação entre a *dóxa* parmenidiana e as *fake news*. O que Parmênides parece querer significar é que, para conhecer a

verdade, é necessário também penetrar na inverdade e percebê-la como tal, pois, só pela percepção da falsidade de um fato e a sua superação, é possível ir ao encontro da verdade. Aqui, deve-se resgatar o que já foi dito nesse estudo sobre o entendimento da verdade perpassar pela compreensão da inverdade, na formação de uma dialética em que uma não existe sem a outra.

Caminhando nesta direção, a contribuição da construção teórica psicanalítica traz uma série de possibilidades que norteiam um olhar sobre a condição humana em sua singularidade e na relação com o outro, na perspectiva individual e coletiva. Abordar os fenômenos de massa é demarcar questões que estão na direção contrária da busca pelo conhecimento e pela verdade no campo da filosofia e da ciência. Neste sentido, acontece o fato de a grande parte desses fenômenos ter como âncoras as certezas, se opondo assim à dúvida, ao questionamento, ao pensamento crítico. Desta forma, Freud em sua inquietante competência em mergulhar nos abismos da alma, marca o que está amalgamado entre passado, presente e futuro.

A noção de *dóxa* é primordial para se pensar os critérios racionais. Parmênides sustenta que as *dóxai* desvirtuam o caminho da verdade. Segundo Néstor Cordero, para o filósofo eleata as opiniões são a conjunção de um “intelecto errante”, ou seja, incapazes de seguir um caminho, um método, como dados fornecidos pela percepção.⁹ Assim, Parmênides acredita ser a *dóxa* uma oposição ao *lógos*, haja vista a opinião se afirmar com base em crenças vazias e a razão se dirigir ao caminho (*hodós*)¹⁰ da verdade, priorizando os argumentos fundamentados e lógicos.

Cordero ainda diz que, nos caminhos apontados pelo filósofo, “o da verdade, será considerado necessário; o das opiniões vai se revelar um beco sem saída, ou pior ainda, um círculo vicioso”.¹¹ Tal aspecto tem a sua primeira manifestação ao final do prólogo:

[...] χρεώ δέ σε πάντα πυθέσθαι
ήμεν ἀληθείης εύκυκλεος ἀτρεμές ήτορ
ἡδὲ βροτῶν δόξας, ταῖς οὐκ ἔνι πίστις ἀληθής.

Assim, é necessário que te informes de tudo: de um lado, o inabalável coração da perfeitamente circular verdade; de outro, as opiniões dos mortais, nas quais não há verdadeira convicção.¹²

Parmênides assim demonstra a distinção entre *dóxa* e *alétheia*, em que a primeira é governada pelas falsas convicções e leva o indivíduo a uma série de erros e a segunda somente pode ser buscada pela lógica racional. E observa-se aqui, conforme já foi discutido a respeito do fragmento 6, já a primeira formulação da necessidade de se informar a respeito de tudo (“*pánta*”, todas as coisas, no acusativo neutro plural), tanto da verdade, quanto da inverdade.

Com o advento cibernético e junto a ele as redes sociais, o ser humano tem um acesso mais imediato acerca do mundo que está à sua volta. As notícias chegam numa velocidade galopante e informações, sejam de caráter legítimo, sensacionalista ou simplesmente falacioso, atravessam os celulares e os computadores de todos na mesma proporção. É curioso constatar o quanto as pessoas, em alguma medida, são afetadas diariamente pelo que brota em seus *timelines*. Elas são invadidas cotidianamente por aquilo que as interessam ou não, e assim uma rede de informativos toma conta do dia a dia de cada indivíduo. Mas o que de fato está em questão aqui é a dimensão que os boatos e as notícias falsas tomam e como são incorporadas pelas massas e ganham *status* de verdade. É no mínimo curioso constatar que os fatos são irrelevantes ante os afetos de uma determinada “verdade” que se impõe. As pessoas são assim confrontadas com a questão das paixões humanas que têm uma força, uma energia bem mais potente que o desejo de saber. Surge daí um enigma questionador: que força sedutora é essa que atira muitos indivíduos em seus próprios abismos? É realmente perturbador deparar-se com esta natureza destruidora (*thánatos*)¹³ que habita o íntimo do ser humano.

Enfrenta-se hoje uma realidade que está em processo de divórcio com a ciência (*epistéme*) e absolutamente seduzida pela *dóxa*. Claro que este não é um fenômeno da atualidade, mas que,

por conta da velocidade e proporção que alcança, coloca as pessoas frente a frente com os efeitos devastadores desta aliança, onde muitos abandonam os fatos e se refugiam na opinião. O afastamento dos indivíduos da ciência e a *dóxa* sedutora os remetem a períodos obscuros de prevalência das lendas, mitos e dogmas. Esse evento de que se trata aqui é o que se denomina de pós-verdade, fenômeno social em que a informação falsa é aceita porque corresponde a opiniões e sentimentos previamente existentes. Ela tem mecanismos que confirmam o que a pessoa acha e acolhe uma opinião em que não há a preocupação em se saber se o conteúdo está ou não ancorado na realidade. Sendo assim, qualquer informação que fortaleça uma opinião irracional previamente existente é bem mais interessante que uma verdade inconveniente que abale certas crenças e opiniões cristalizadas.

Sem dúvida, toda essa perspectiva perante as *fake news* tem sua intencionalidade na manipulação e controle das massas. Assim, viabiliza-se a disseminação de notícias inverídicas que atendam a interesses políticos e econômicos, assim como a propagação de ideias que digam respeito a costumes, denominações religiosas, apelos morais que privilegiem dogmas, crenças e doutrinas de determinados grupos.

Pode-se dizer, assim, que as *fake news* são as *dóxai* parmenidianas contemporâneas, e que, de fato, a formulação que Parmênides faz delas, no âmbito de sua filosofia, ao opô-las a um caminho investigativo regido pelo *lógos*, permite que se pense nelas nos mais variados tempos e espaços. As *dóxai* sempre existiram e estão presentes nos textos antigos, nas mitologias, na bíblia, assim como também eram utilizadas em estratégias de guerra. De todo modo, não se pode perder de vista o quanto a fragilidade existencial do ser humano é um alvo fácil do sistema, seja ele qual for e situado em qualquer que seja a temporalidade. A ilusão e a negação da verdade se jogam nos braços do caminho das opiniões, na contramão do caminho do conhecimento, seguindo uma tendência que não é exclusividade de uma única estação. Se Parmênides, em seu poema, já lança sinais na direção do perigo do

caminho do erro é porque o embate entre a verdade e as ilusões é atemporal.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud convida seus leitores a percorrer as entradas do comportamento grupal, tendo como ponto de partida a *Psicologia das multidões* (1895) do médico, psicólogo e sociólogo Gustave Le Bon, que acreditava ser essencial um estudo sobre a psicologia das multidões para uma possível compreensão da natureza humana. Le Bon entendia ainda a importância das multidões na história e considerava que a ação inconsciente dos grupos substitui a atividade consciente dos indivíduos.¹⁴

É bem verdade que este é o ponto de partida de Freud em sua elaboração sobre os fenômenos das massas. No entanto, o pai da psicanálise vai bem mais além do que Le Bon, ao articular os efeitos das massas na vida psíquica de cada sujeito com os efeitos da carga singular de cada um nos adventos sociais:

A psicologia das massas trata, portanto, do ser humano individual enquanto membro de uma linhagem, de um povo, de uma casta, de uma classe, de uma instituição ou enquanto parte de uma multidão que se organiza como massa durante um certo tempo e para um fim determinado.¹⁵

Lançando mão dessa perspectiva freudiana, é possível afirmar que *dóxa* e *fake news* têm uma relação direta com os fenômenos que advém das massas, em que os processos de identificação estão instaurados. Neste sentido, o pensamento grupal tem um efeito homogeneizante onde o todo se faz um. O que vale é a unidade, o tamponamento do vazio, a obturação da falta. Assim, a certeza cristalizada e indestrutível é reivindicada a qualquer custo e a ilusão da plenitude é o caminho a ser percorrido às cegas. Interagindo em vários momentos com o que diz Le Bon em seu livro, Freud chega a um ponto final assombrosamente atual sobre a caracterização das massas:

E finalmente: as massas nunca conhecem a sede pela verdade. Elas exigem ilusões, a que não podem renunciar.

Para elas, o irreal sempre predomina sobre o real; o inverídico as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro. Elas têm a visível tendência de não fazer nenhuma distinção entre ambos.¹⁶

A afirmação categórica de Freud sobre a sedução das massas pela inverdade vai perfeitamente ao encontro do que diz Parmênides em sua filosofia. Ao afirmar que o que é necessariamente tem que ser, Parmênides, conforme argumenta Cordero, contribuiu para o pensamento filosófico-científico como o criador da argumentação lógica (raciocínio lógico) em filosofia.¹⁷ Dessa maneira, o filósofo de Eleia apresenta a oposição entre a verdade e a inverdade gerada pela mera opinião. Cordero continua, demonstrando que, no âmbito do próprio idioma helênico, essa argumentação lógica transparece no fato de Parmênides inovar ao substantivar, no neutro singular, o particípio presente do verbo *eimí* (ser), na forma *tò ón*, evidenciando-se que ele está tratando do fato de ser, não se podendo negar que o que é tem que necessariamente ser (*ibidem*). Desse fato de ser compartilham todas as coisas que são. Parmênides, então, não está se referindo aos seres vivos ou objetos, mas àquilo que os fazem ser seres.¹⁸

Observa-se, por tudo que foi desenvolvido neste singelo estudo, que a premissa de se considerar a existência de apenas dois caminhos (o da verdade e o das opiniões dos mortais) na filosofia de Parmênides é essencial e indispensável para a construção da ponte que aqui se fez. Contudo, não se poderia fechar este artigo sem a tentativa de se colocar em prática a análise feita, pois, afinal de contas, como visto, Parmênides apresenta um método e, além disso, afirma, como se demonstrou no estudo do fragmento 6, com base na correção efetuada por Cordero, que há a necessidade de adentrar ambos os caminhos, tanto o positivo, ou seja, o da verdade, que afirma que o ser é, quanto o das opiniões, ou seja, da *dóxa*. Para o exercício aqui proposto, são suficientes as citações ao poema *Perì phýeos* feitas neste estudo, a saber, o fragmento 6, e a passagem referente ao fragmento 1 (v. 28-30), e ainda as ideias de Freud apresentadas na sequência. Como questões referentes a elucubrações oriundas de uma filosofia da antiguidade poderiam se

mesclar, de alguma maneira, com fenômenos de informação de tempos atuais, ainda trazendo à baila questões freudianas prementes? Como amarrar esse todo?

Hoje em dia, existem plataformas com mecanismos de combate às *fake news*. O *slogan* “é fake” aparece constantemente em sites de jornais confiáveis ou em outras mídias de comunicação do mesmo tipo para refutar afirmações falsas e maldosas sobre determinado assunto, muitas vezes de teor político. O objetivo de tais conteúdos não é outro senão doutrinar e arregimentar pessoas para o apoio das pautas expostas, com uma finalidade pessoal para aquele que produz o conteúdo e não coletiva, em prol da sociedade, apesar de falsamente se propor a isso. D’Ancona explica o processo pelo qual o indivíduo fica à mercê de tal discurso e impossibilitado de reagir como uma força de oposição:

Massacrado por informações inverossímeis e contraditórias, o cidadão desiste de tentar discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira e passa a aceitar, ainda que sem consciência plena disso, que tudo que resta escolher, entre versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional. A verdade, assim, perde a primazia epistemológica nas discussões públicas e passa a ser apenas um valor entre outros, relativo e negociável, ao passo que as emoções, por outro lado, assumem renovada importância.¹⁹

O estudioso esclarece que é pelo viés da emoção e não da razão que a aceitação pelo falso se transfigura em verdade, o que vai perfeitamente ao encontro da mesma crítica que se costuma fazer em âmbito filosófico, sendo tal constatação eficiente para traçar uma ponte entre o conceito de *dóxa*, em Parmênides, e as *fake news*. Baseando-se na similaridade entre essas duas forças formadoras de informações falsas e seguindo a análise prática que foi proposta em articular a *dóxa parmenidiana* com as inverdades, poder-se-ia dizer que os indivíduos que caem no abismo das *fake news* são, utilizando o vocabulário figurado presente no fragmento 6, de Parmênides, cegos (“*typhloί*”, v. 7), surdos (“*kophoί*”, v. 7), estupefatos (“*tethepótes*”, v. 7) e sem capacidade de juízo (“*ákrita*”, v. 7). Tais qualificativos expressam perfeitamente a

incapacidade para um pensamento crítico que faça o sujeito desconfiar do material que lhe chega e buscar a verdade. Já, essas últimas ações de desconfiança e, consequentemente, de busca pelo verídico, formam exatamente a atitude daquele que não se deixa enganar. Esse indivíduo também é bombardeado pelas *fake news*, já que também adentra o caminho daqueles mortais que nada sabem (“*brotoi eidótes oudén*”, v. 4), como também é mostrado no fragmento 6, mas diferentemente desses consegue usar as *fake news* como trampolins para saber mais a respeito de tudo o que acontece, ou seja, ele examina as notícias falsas, adentra em suas motivações e as comprehende para, assim, buscar a verdade por trás da mentira. E aqui pode-se tomar emprestado ainda o que diz a deusa parmenidiana no fragmento 1, sobre a necessidade de o indivíduo se informar a respeito de tudo (“*pánta pythésthai*”, v. 28). Transpondo tudo isso para a questão das massas mencionadas por Le Bon e Freud, é possível construir um panorama, infelizmente, pessimista referente à circulação de notícias falsas sedutoras, pois, se não afetam negativamente a maioria da sociedade, o fazem de uma substancial parcela. Como dizem os renomados estudiosos da mente humana, as massas, entendidas aqui como massas de manobra, não possuem a sede da verdade, preferindo o irreal ilusório ao real, o que pode ser sintetizado nas palavras de Le Bon, que traça um comentário sobre as pessoas que compõem tais grupos:

[...] diante de evidências que lhes desagradam, viram as costas e preferem divinizar o erro, se ele as seduzir. Quem as souber iludir, facilmente será seu senhor; quem as tentar desiludir, será sempre a sua vítima.²⁰

Tudo, assim, se resume ao erro, ou melhor, à valorização do erro e à sua manutenção como uma falsa verdade. Essa característica está presente tanto na *dóxa* parmenidiana quanto nas *fake news*. Ficam assim estabelecidas as relações que foram tratadas na análise proposta, uma amarra, de certa maneira, simples, mas reveladora daquilo que tem atravessado a dimensão humana.

Apesar das ferramentas e mecanismos para o combate às *fake news*, o esforço de autoridades, cientistas e estudiosos dos mais diversos não dá conta nem garantiu para que a humanidade se abasteça de instrumentos que a lance em direção ao desejo de saber. Nesse sentido, há invariavelmente a ameaça e, por vezes, a materialidade do retorno ao *môthos*, onde a fé e a opinião, ancoradas na ilusão do conforto, nos paralisam em nossa obscuridade em detrimento da razão. Todas as sociedades têm seus mitos de fundação que possuem um grande valor simbólico. No entanto, estes mitos, quando são de natureza religiosa, ideológica e cultural, podem representar um engessamento da razão, no sentido de um pensar acrítico, se distanciando assim dos questionamentos substanciais que nos conduzem ao conhecimento.

Quando se propõe aqui a fazer uma ponte entre passado e presente tem-se a intenção de, através dos registros historiográficos e das produções literárias desde os tempos mais remotos até a contemporaneidade, pensar o que é estruturante da condição humana. Assim, abordar as *fake news*, que de novidade tem apenas o nome, é o alvo da investigação deste estudo, tendo em vista o entendimento de que a *dóxa* parmenidiana, e as *fake news* fazem parte da mesma ideia, pois estão relacionadas à ilusão e conduzem a um caminho equivocado sem levar em conta a razão. Logo, estes fenômenos atravessam a história humana e, a cada geração, se apresentam com outras faces.

É possível entender o antagonismo entre o caminho das opiniões e o da verdade como uma reflexão filosófica que surge efetivamente por meio tentativa de situar o homem na direção da ética e da virtude, pois, sempre que se confronta um raciocínio negativo com um positivo, a intenção é por deixar transparecer o positivo. As *dóxai* e as *fake news* negam a razão e não necessitam do argumento verdadeiro para existirem, já que bastam para aqueles que as seguem, mas o argumento lógico, fundamentado pela verdade, que as refutam, necessitam delas, pelo simples fato de lhes fazerem, dialeticamente, oposição. Assim, por ser mais fácil acreditar naquilo que é banal e sedutor, o rompimento e o

abandono da razão estão sempre na iminência de emergir, como se estivessem em constante estado de latência. De tempos em tempos os fantasmas da escuridão despertam, retornam com uma força irresistivelmente sedutora e arregimentam seu rebanho.

Freud, em *Psicologia das massas e análise do eu*, levanta uma série de discussões sobre esses fenômenos que se sustentam nos agrupamentos sociais. Daí, não há como deixar de levar em conta que o tema proposto neste estudo se relaciona diretamente com os fundamentos da psicanálise estruturados por seu fundador, considerando que o edifício teórico freudiano se debruça na investigação do inconsciente e nos laços sociais. Pode-se, então, pensar as *fake news* como fenômenos de massa contemporâneos, a *dóxa* da atualidade.

ABSTRACT

In this present article, we intend to make an analysis between what the *dóxa* (opinion) represents in the philosophy of Parmenides, as presented in his philosophical poem *On Nature* (*Perì phýseos*), and what Fake News means in the context of modern times. The proposed analysis is based on the formulations of culture and social developments undertaken by Sigmund Freud, in his treatise *Group Psychology and the Analysis of the Ego* (2011), written in 1921, and is supported by the statements highlighted by Néstor Cordero, in his book *By being, It is: the thesis of Parmenides* (2011)", published for the first time in 2004, and in his article "En Parménides, 'tertium non datur'" (2009), which takes a position on the existence of there are only two ways in Parmenidean philosophy, the one of being and other of non-being, which is exactly the way of mortal opinions.

KEYWORDS

Dóxa; *Fake news*; Parmenides; Freud; *Group psychology*.

REFERÊNCIAS

- CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CORDERO, Néstor Luis. **Siendo, se es**: la tesis de Parménides. Buenos Aires: Biblos, 2005.
- CORDERO, Néstor Luis. **Sendo, se é**: a tese de Parmênides. São Paulo: Odysseus Editora, 2011. (1. ed. em inglês *By Being, It is* de 2004).
- CORDERO, Néstor Luis. **A invenção da filosofia**: uma introdução à filosofia antiga. São Paulo: Odysseus Ed., 2011. (1. ed. em espanhol *La invención de la filosofía* de 2008).
- CORDERO, Néstor Luis. En Parménides, ‘tertium non datur’. In: **Acerca do Poema da Parmênides**: estudos apresentados no I Simpósio Internacional OUSIA de Estudos Clássicos. Organização: Fernando Santoro, Henrique Cairus e Tatiana Ribeiro. Beco do Azougue Editorial Ltda., 2009.
- D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- DIELS, Hermann. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. Berlin: Weidmannssche Verlagsbuchhandlung, 1960.
- FREUD, Sigmund. **Obras incompletas de Sigmund Freud**: cultura, sociedade, religião; o mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Psicologia das massas; Análise do eu e Outros Textos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.
- LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEGRAND, Gerard. **Os pré-socráticos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- LUCE, John Victor. **Curso de filosofia grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura (equipe de coordenação). **Dicionário grego-português**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006; 2007; 2008; 2009; 2010. 5 v.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- NOGUEIRA, Ricardo de Souza. As imagens do saber no Prólogo (v. 1-32) do poema Da natureza, de Parmênides. **Calíope**: Presença Clássica, n. 26, 2013.
- PARMÊNIDES. **Da natureza**. Edição do texto, tradução e comentários por Fernando Santoro. Rio de Janeiro: Laboratório OUSIA, 2006.
- REALE, Giovanni. **Pré-socráticos e orfismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

¹ O artigo é a reprodução de uma conferência apresentada por Néstor Cordero, no I Simpósio Internacional OUSIA de Estudos Clássicos, evento esse realizado na cidade do Rio de Janeiro, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ e na Academia Brasileira de Letras (ABL), entre os dias 16 e 20 de outubro de 2006. O simpósio foi organizado pelos Programas de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) e Letras Clássicas (PPGLC) e pelo Laboratório OUSIA – Estudos de Filosofia Clássica, todos da UFRJ.

² De fato, a palavra *dóxa* aparece, por exemplo, no v. 30 do fragmento 1, evidenciando que é em torno de seu conceito que se constrói o caminho negativo levantado pelo filósofo. De fato, Cordero afirma de maneira peremptória que não cabem dúvidas de que o caminho negativo, mencionado em vários fragmentos de Parmênides, é o caminho das opiniões dos mortais (Cordero, 2009, p. 23).

³ Cordero, 2004; 2011; p. 131. Além do livro *Sendo, se é: a tese de Parmênides*, utiliza-se neste artigo o livro *A invenção da filosofia*, também de autoria de Néstor Cordero, mais precisamente, a parte que trata da filosofia de Parmênides. Como as edições brasileiras de tais livros são do mesmo ano (2011), foi colocado também, junto ao ano da edição brasileira, o ano da edição original: *Sendo, se é: a tese de Parmênides*, cuja 1^a edição, em inglês *By Being, It is*, foi publicada exatamente em 2004. Já, o livro *A invenção da filosofia* será citado 2011, sendo 2008 o ano da 1^a edição original em espanhol: *La invención de la filosofía*. A parte sobre Parmênides no livro *A invenção da filosofia* (capítulo v, p. 89-102) sintetiza, em muitos aspectos, o que se encontra contido no livro *Sendo, se é: a tese de Parmênides*, de modo que esse último só será citado quando certo conteúdo não estiver presente no primeiro, como ocorre agora. Maiores detalhes editoriais se encontram na bibliografia.

⁴ Cordero, 2009, p. 24.

⁵ Diels, 1960, p. 233. Para uma pormenorizada análise do histórico do preenchimento da lacuna, ver tópicos (f) e (g) do capítulo 6 do livro *Sendo, se é: a tese de Parmênides*, de Cordero (2011, p. 131-137).

⁶ A tradução em português apresentada está no apêndice da edição portuguesa do livro *Sendo, se é: a tese de Parmênides* (2011, p. 230), versão essa baseada na tradução original do espanhol, feita diretamente do grego, constante no apêndice 1 do livro *Siendo, se es: la tesis de Parménides* (2005, p. 219).

⁷ O v. 3 em grego, conforme apresentado por Diels, possui a seguinte configuração, com a conjectura que faz uso do verbo : “πρώτης γάρ σ' ἀφ' ὁδοῦ ταύτης διζήσιος <εἰργω>”. Como se observa, além da modificação do verbo, Cordero substitui o pronome pessoal elidido de segunda pessoa do singular no acusativo σ^η (σε) pela conjunção aditiva elidida τ^ο (τε). Uma tradução para o português tomando por base o texto de Diels ficaria algo como: “pois te afasto desse primeiro caminho de investigação”.

⁸ Parm., *Fragm. 6*.

⁹ Cordero, 2008; 2011, p. 101.

¹⁰ É interessante observar que o termo *hodós* entra na composição da palavra grega *méthodos* (método). A metáfora de um caminho de investigação, perfeitamente comprehensível até os dias atuais, por ser ainda utilizada, possui, assim, sua primeira formulação filosófica em Parmênides. Ao falar de um caminho investigativo, Parmênides sugere um método lógico baseado na premissa de que o ser é, entendendo-se aqui o ser, simplesmente, como o fato de ser e não como uma entidade ou um ser vivo. Cordero afirma que *lógos*, em Parmênides, tem o sentido de “argumentação” e que toda investigação deve apoiar-se no fato de que o que está sendo é (Cordero, 2011; 2008, p. 98).

¹¹ Cordero, 2008; 2011, p. 95.

¹² Parm., *Frag. 1*, v. 28-30.

¹³ Freud bebe na fonte da mitologia grega para elaborar alguns dos conceitos mais caros para a psicanálise, e entre eles estão *thánatos*, Pulsão de Morte (*Todestrieb*) e *éros*, Pulsão de Vida (*Lebenstrieb*). A hipótese de uma pulsão de morte foi formulado em *Além do princípio do prazer*, tratado escrito em 1919. Não se pode considerar efetivamente uma oposição à Pulsão de Vida e sim um par complementar onde se ancora a teorias das pulsões. Conforme Freud caminha em suas investigações acerca do inconsciente, o conceito de Pulsão de Morte vai ganhando mais protagonismo para a psicanálise, tendo em vista reconhecê-la constitutiva para o funcionamento do aparelho psíquico (Chemama, 1995, p. 180).

¹⁴ Le Bon, 2008, p. 15.

¹⁵ Freud, 2023, p. 138.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 150.

¹⁷ Cordero, 2008; 2011, p. 100.

¹⁸ Anteriormente a Parmênides, os filósofos gregos faziam a substantivação do verbo *eimí* no neutro plural, na forma *tà ónta*, expressão essa que servia para fazer menção a todas as coisas (e não ao fato de elas serem). Essa substantivação já aparece no primeiro texto de filosofia da história da humanidade: o fragmento de Anaximandro.

¹⁹ D'ancona, 2018, p. 10.

²⁰ Le Bon, 2008, p. 104-5.